

Editorial

Em tempos de avanço conservador no Brasil e no mundo, os artigos publicados nesse número da revista *Marx e o Marxismo* remetem à questão da emancipação humana, mesmo sem tratar diretamente a questão: seja tratando de dimensões que remetem diretamente ao projeto de emancipação humana, caso da educação e da estética, seja colocando em questão os entraves para a emancipação, presentes em políticas de vários países e no autoritarismo, seja resgatando pensadores que deixaram um legado fundamental para o projeto emancipatório do marxismo.

Nesse número, publicamos dois artigos que se voltam para o campo internacional, promovendo um exame da situação recente da China e da Argentina.

No artigo “Qual modelo Econômico para a China?”, Tony Andréani e Rémy Herrera fazem uma análise crítica do livro “*A via Chinesa*”, de Michel Aglietta e Guo Bai. Contrapondo-se à tese dos autores regulacionistas que interpretam a economia chinesa como um “capitalismo *sui generis*”, Andréani e Herrera defendem que a via socialista não foi abandonada pela China. No artigo, os autores apresentam as características e a dificuldade desse “socialismo à chinesa”, assinalando, na sua conclusão, a luta interna entre a ala socialdemocrata e a socialista no interior do Partido Comunista Chinês.

O artigo de Carlos Eduardo Rebuá de Oliveira tem como objeto o Kichnerismo na Argentina, findado recentemente com a eleição de Eduardo Macri. De forma sintética, o autor caracteriza o Kichnerismo como um “fenômeno político capaz de hibridizar novos sentidos com velhas práticas, promovendo restaurações sob signos insurrecionais e insurreições limitadas pela restauração da ordem como imperativo colocado para seus artífices quando do início da década passada”.

Dois outros artigos publicados nesse número abordam as políticas educacionais. As políticas de inclusão escolar são o objeto de Giovani Ferreira Bezerra no artigo “Materialismo histórico-dialético e inclusão escolar: reflexões críticas”. Giovani demonstra que a política de inclusão escolar posta em prática nos últimos anos fundamenta-se na ideologia neoliberal e “se constitui atrelada aos princípios obedientes às regras do jogo mercantil”. Em contraposição às atuais políticas de inclusão, o autor propõe, na perspectiva marxista, políticas inclusivas humanizadoras e que coloquem em questão a sociedade capitalista.

No artigo “*O Todos pela Educação* como política ‘pública’(?) dos governos petistas”, Edison Riutiru Oyama defende que, nos governos petistas, “o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), em associação com o Movimento Todos pela Educação (MTPE), materializa a agenda do capital para a educação escolar no Brasil, cujos objetivos não são apenas políticos, mas principalmente econômicos. Tais objetivos são alcançados por meio da apropriação privada de fundos públicos e pela transformação da escola pública em um mercado para venda dos produtos e serviços escolares privados. Diante disso, o autor diagnostica a “morte” da educação escolar pública.

Marcelo José de Souza e Silva apresenta a obra de Ilienkov no artigo “Evald Vasilievich Ilienkov: um marxista a ser descoberto”. Souza e Silva nos mostra que a obra de Ilienkov resgatou o papel da dialética hegeliana na obra de Marx e se afastou das concepções positivistas de subjetividade, contrapondo-se ao positivismo e à filosofia soviética oficial no período stalinista. Por suas posições contrárias à distorção stalinista do marxismo, Ilienkov foi proibido de ensinar e teve várias obras censuradas. O artigo é um chamado ao resgate da obra de Ilienkov, que se estende pelos campos da filosofia, da psicologia e da educação.

No artigo intitulado “Breve história da violência estatal”, Pedro Rocha de Oliveira apresenta uma história da formação e da consolidação do Estado Moderno enquanto imposição da forma de vida capitalista. Destaca o papel socializador da violência presente em um discurso explícito relacionado com a conformação institucional característica desse Estado e a consciência histórica a respeito de seu caráter violento. Explorando certas diferenças específicas entre as formas absolutista e burguesa do Estado Moderno e o contraste entre “forma de vida capitalista” e “Estado burguês”, constrói um argumento que relaciona transformações no sentido econômico da população em geral, formas de legitimidade política e práticas estatais repressivas paradigmáticas.

Por fim, João Paulo Ferreira, no artigo “O romance histórico ontem e hoje – fato e ficção em *Terras do sem fim*, de Jorge Amado”, defende que *Terras do sem fim* se adequa à tradição do romance histórico clássico, partindo das teorias de György Lukács e de Frederic Jameson sobre o romance histórico e de Antonio Candido sobre a obra de Jorge Amado. Segundo o autor, “O que queremos dizer é que este romance é histórico por mostrar como, em situações extremamente hostis, ameaçadoras ao ser humano, ser humano ainda é possível. Assim, acreditamos que a reificação e o fetichismo não podem dar a palavra final. Enquanto houver vida humana, haverá possibilidades outras”.

Publicamos quatro notas críticas nesse número. Em “Notas sobre o efeito estético”, originalmente apresentado por Hermenegildo Bastos na Sessão Plenária “A luta libertadora da arte e da cultura”, do evento Marx e o Marxismo 2015 (promovido anualmente pelo NIEP-MARX-UFF), temos uma reflexão teórica firmemente ancorada na contribuição de György Lukács e que resgata a missão

desfetichizadora da arte, no seu momento catártico, de recompor a unidade dialética entre interior e exterior ontologicamente posta no ser social e que as diversas formas de estranhamento sempre colocam em perigo. Ressalta que a superação da condição de indivíduo singular e a tomada de consciência de seu pertencimento ao gênero humano pode ser propiciada pela arte; portanto, a eficácia estética da arte exige a presença da dimensão ética na arte.

Na nota crítica “A busca pela essência do Imperialismo: uma breve nota a partir de *Império do Capital* de Ellen M. Wood”, Leonardo de Magalhães Leite defende que a obra de Wood oferece indicações para análise do imperialismo no âmbito da essência e da aparência. Com o texto de Leonardo, ressaltamos a importância do legado de Ellen Wood, falecida em janeiro deste ano, para o marxismo.

Na nota crítica “Einstein nosso contemporâneo: cem anos depois”, Natan Oliveira faz uma breve apresentação da teoria da relatividade e das ondas gravitacionais, cuja existência foi confirmada em 11 de fevereiro deste ano. A nota crítica, segundo o autor, procura “contribuir minimamente para o avanço do trato das ciências da natureza pela tradição marxista”. Natan nos lembra também de que Einstein declarou o sentido social de sua prática científica e defendeu uma posição de esquerda no artigo “Por que o socialismo?”.

Ainda na seção notas críticas, publicamos “Terror e miséria: uma entrevista com o coletivo da montagem de Terror e Miséria do Terceiro Reich, de Bertolt Brecht”, por José Rodrigues e Kênia Miranda. Os autores entrevistaram o coletivo que encenou a peça durante os meses de julho e agosto de 2015, no centro cultural municipal Solar do Jambeiro, situado no bairro do Ingá, em Niterói (RJ, Brasil). Na entrevista, o coletivo fala sobre a importância da peça de Brecht para o momento atual, o questionamento da divisão do trabalho na montagem da peça e a modificação da relação com o público na encenação.

Na seção “Luta e Memória”, publicamos quatro documentos da Seção de Arquivo Permanente da Universidade Federal Fluminense que revelam a perseguição aos professores dessa Universidade durante a ditadura. Na introdução aos documentos, Ludmila Gama Pereira mostra os mecanismos de veto a professores e de interferência do MEC na escolha de cargos de direção na Universidade Federal Fluminense.

O NIEP-Marx agradece ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro para a preparação desta edição.

Editores